

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: RECONHECIMENTO, JUSTIÇA E DESIGUALDADE

Título do Trabalho: A questão da homossexualidade na busca por reconhecimento afetivo

Nome completo e instituição do autor: KARINE DE GOUVÊA PESSÔA –
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

Resumo

O processo de *coming out* na vida de gays e lésbicas tem desdobramentos variados. O presente trabalho se propõe apresentar de que forma os indivíduos implicados nesse processo na esfera familiar se mobilizam a fim de alcançar reconhecimento afetivo dentro de suas famílias. Por meio de entrevistas do tipo história de vida realizadas com gays e lésbicas filhos e filhas de pessoas evangélicas, intentamos perceber como a moral religiosa influencia o relacionamento familiar, atentando para as performances desempenhadas pelos membros da família, na tentativa de compreender o que essas disposições simbolizam no seio familiar, considerando variáveis como denominação religiosa, escolaridade, raça, gênero, a fim de compreender se elas influem na tomada de decisão e atuação familiar. Entendendo a experiência do desrespeito enquanto matriz moral e motivacional na luta por reconhecimento, nos interessa identificar que estratégias os indivíduos em conflito com suas famílias desenvolvem para alcançar reconhecimento afetivo, bem como o desempenho dos membros da família frente a essa questão.

Introdução

A descoberta da homossexualidade de um filho ou filha é assunto complexo para muitas famílias¹. Da mesma forma, o ato de revelar sua homossexualidade constitui-se uma tarefa angustiante na vida de gays e lésbicas. A decisão de *sair do armário* para a família é, na maioria das vezes, antecedida por momentos de angústia e apreensão. Há muito em jogo. Mais do que estremecer as relações familiares, por vezes ela resulta na completa cisão do relacionamento familiar, o que faz muitos optarem por protelar essa revelação. Quando a família apresenta algumas particularidades tal como uma forte adesão a religiões evangélicas, essa travessia pode tornar-se ainda mais penosa.

¹ Por família nos referimos ao grupo de pessoas responsável pelo cuidado da criança, extrapolando os limites da consanguinidade, bem como do casamento.

Na atualidade no Brasil, os debates em torno da ampliação dos direitos da população LGBT tem sido inúmeros, ao mesmo tempo vê-se o aumento da participação de religiosos na esfera pública a fim de conter o avanço de tais questões². Esse embate influi na opinião pública, interferindo na aceitação social de gays e lésbicas, visto que na agenda destes grupos religiosos inclui institucionalizar a Terapia de reorientação sexual, ressuscitando na opinião pública a discussão da homossexualidade enquanto doença. Nossa intenção aqui é empreender uma análise das relações de poder que estruturam as relações sociais, tendo como foco da análise famílias evangélicas com filho ou filha homossexual. A presente pesquisa intenta compreender os fatores que levam uma família evangélica a aceitar ou não a sexualidade de seu filho ou filha homossexual, apresentando como a aceitação ou não aceitação se delineia no convívio familiar.

Nessa dinâmica, poder observar a forma como diferentes famílias evangélicas lidam com a homossexualidade de filhos e filhas mostra-se fundamental a fim de percebermos os diferentes níveis de adesão do discurso religioso referente à homossexualidade, bem como como ela se articula a outras morais. Partindo do momento do *coming out*, analisaremos as performances desempenhadas dentro da família, tendo como objetivo compreender as estratégias que os atores utilizam a fim de alcançarem reconhecimento afetivo no seio familiar.

Por meio de entrevistas do tipo história de vida realizadas com gays e lésbicas filhos e filhas de pessoas evangélicas, analisamos a relação entre a família evangélica e as expectativas afetivas de seus filhos. Foram realizadas nove entrevistas com pessoas que já realizaram o *coming out*³ para suas famílias, discursivamente ou vivencialmente. As entrevistas aconteceram entre 2016 e 2017, nas quais privilegiamos as interpretações que os entrevistados fazem sobre as ações e discursos de seus pais.

² Sobre isso ver Trevisan (2015).

³ Por *coming out* nos referimos ao ato de revelar sua orientação sexual publicamente.

A família contemporânea

A família enquanto instituição basilar, lugar de referência, encerra em si uma infinidade de expectativas. Se nas últimas décadas ela foi atingida por inúmeras mudanças decorrentes de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, foi também por meio delas que a instituição família pode mostrar seu enorme potencial adaptativo. Longe de acabar, ela manifesta sua vitalidade através dos mais variados arranjos. É verdade que a família nunca foi una. Segundo Maria Engrácia Leandro (2006), a coexistência de tipos de família é uma marca de longa data, muito embora afirme que num contexto onde a influência religiosa é expressiva, observa-se a tendência da família seguir o modelo proposto pela religião.

Muitos autores dissertaram a respeito dessas transformações⁴ que a atingiram tanto sua forma quanto seu conteúdo. Giddens (2005) afirma que nas últimas décadas os padrões familiares sofreram mudanças inimagináveis às gerações pregressas. O autor afirma que “a família é um local para as lutas entre tradição e modernidade” (2007, p.63), onde por meio de sua observação é possível ver o desenvolvimento da sociedade. Se outrora a família se assentou na autoridade paterna, nos dias atuais ela ganhou novos contornos.

Giddens (1993) infere que há uma nova gramática orientando as relações familiares pautada no ideal democrático. A partir daí, introduz o conceito de *relacionamento puro*, o qual define como “um relacionamento baseado na comunicação emocional, em que as recompensas derivadas de tal comunicação são a principal base para a continuação do relacionamento” (GIDDENS, 2007, p.70). Sobre isso afirma que diferente dos tipos mais tradicionais de laços sociais, o *relacionamento puro* “depende de processos de confiança ativa – a abertura de si mesmo para o outro. Franqueza é a condição básica da intimidade. O relacionamento puro é implicitamente democrático” (GIDDENS, 2007, p.70).

Na mesma esteira, Cynthia Sarti em seus estudos sobre a família, aponta para a desconstrução de dois aspectos que transformaram a família tradicional profundamente: a autoridade patriarcal e a divisão interna de “papéis”. Ambos autores aproximam-se desse cerne democrático, onde o arquétipo usado

⁴ Ver A história social da criança e da família, de Philippe Ariès e O processo civilizador, de Norbert Elias.

anteriormente será substituído não por outro rigidamente estabelecido, mas será negociado, definido e posteriormente renegociado entre pais e filhos (SARTI, 1999, p.104). Nesse novo arranjo, os direitos individuais de cada pessoa são considerados. A autoridade não é extinta na família, mas ela não se assenta sobre um poder tirânico, fundamentando-se no desejo pela felicidade de cada parte da família. Desta forma,

“Um bom relacionamento é o que se estabelece entre iguais, em que cada parte tem iguais direitos e obrigações. Num relacionamento assim, cada pessoa tem respeito pela outra e deseja o melhor para ela. O relacionamento puro é baseado na comunidade, de tal modo que compreender o ponto de vista da outra pessoa é essencial. A conversa, ou diálogo, é o que basicamente faz o relacionamento funcionar. O relacionamento funciona melhor se as pessoas não escondem muita coisa uma da outra – é preciso haver confiança mútua. E a confiança tem de ser trabalhada; não pode ser simplesmente pressuposta. Finalmente, um bom relacionamento é aquele isento de poder arbitrário, coerção e violência” (GIDDENS, 2007, p.71).

Apesar de tantas mudanças, a família continua sendo uma instituição de importância basilar na vida dos indivíduos. A família torna-se um grande pilar na vida do jovem, afirma Sarti (2004), contudo muitas famílias não são capazes de proporcionar a segurança e o apoio necessário aos filhos quando esses são homossexuais. Nas palavras de Sarti:

“(…) a importância fundamental da família para o jovem está precisamente nessa possibilidade de manter o eixo de referências simbólicas que a família representa, como o lugar de apego, de segurança, como rede de proteção, mas que nesse momento – mais radicalmente, ainda, do que em outros do ciclo de vida familiar - precisa abrir espaço para o outro, justamente para continuar a ser ponto de referência” (SARTI, 2004, p.21).

Segundo a autora o jovem é “aquele que introduz uma alteridade na família” (SARTI, 2004, p.20). Pensando a questão da aceitação da homossexualidade, a experiência do contato com um gay ou uma lésbica pode propiciar a reflexão acerca desse elemento, especialmente se este for seu filho ou filha. Contudo, a ruptura não é uma consequência espontânea da inserção de novos discursos ou perspectivas naquele meio. O efeito contrário pode ser obtido, o que culminaria na reafirmação dessa percepção ou discurso.

A homossexualidade sob perspectivas evangélicas

Biblicamente o comportamento homossexual é considerado uma abominação⁵, não sendo abordado mais que meia dúzia de vezes em toda a Bíblia. Muito embora o catolicismo, mormonismo e outras religiões também utilizem a Bíblia, o tema homossexualidade revela-se um fenômeno no meio evangélico. Livros, CD's, DVD's de pregação, palestras e workshops são dedicados inteiramente a dissertar sobre essa questão⁶, abordando desde a origem da homossexualidade ao indivíduo homossexual. A homossexualidade é condenada pelo cristianismo desde sua invenção⁷, e apesar de existirem ministérios com visões diferenciadas, podemos considerar que quando o assunto é homossexualidade existe uma significativa uniformidade discursiva entre distintas denominações evangélicas.

Setores evangélicos tem se mobilizado a fim de criar entidades com a função de promover seus interesses. A exemplo disso grupos como o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) e a Associação Brasileira de Apoio a Pessoas que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade (ABRACEH), funcionam como aconselhores bem como formadores de líderes para lidar com questões referentes a homossexualidade no meio evangélico, produzindo livros e artigos com esse objetivo. Estes compartilham de um discurso comum acerca da homossexualidade permeado pela ideia de cura. Muito embora saibamos que o discurso hegemônico não corresponde a totalidade dentre os líderes evangélicos, este constitui-se enquanto discurso predominante.

⁵ Ver Levíticos 18:22; 20:13. Muito embora Dag Endsjø (2014) coloque outras interpretações para os mencionados versículos, a cristandade em sua maioria entende a homossexualidade como uma abominação.

⁶ Tais como A estratégia: o plano dos homossexuais para transformar a sociedade, de Rev. Louis P. Sheldon (2012), As ilusões do movimento gay e O movimento homossexual, ambos de Julio Severo (2003; 1998).

⁷ Vale ressaltar que o Velho Testamento só faz referência à sodomia enquanto prática condenável. As práticas sexuais lésbicas não são mencionadas. Sobre isso Endsjø (2014) afirma que tal como em outras religiões como judaísmo, islã, hinduísmo e budismo, a sexualidade feminina só pode ser definida à medida que se relaciona com um homem (devido a necessidade de existir penetração para ser considerado sexo), e é pelo fato do lesbianismo não envolver homens que ele acaba por ser ignorado ou mesmo considerado irrelevante. Já no Novo Testamento, Paulo insere a prática sexual entre mulheres no mesmo patamar da prática sexual entre homens (Romanos 1:26). Entretanto, a ênfase dada sobre a homossexualidade masculina ainda é prevalecente na literatura evangélica acerca da homossexualidade (NATIVIDADE, 2006).

Marcelo Natividade realizou uma análise das representações acerca da homossexualidade⁸, tendo como objeto de investigação a produção literária evangélica acerca da homossexualidade, incluindo falas de líderes religiosos realizadas em cultos pentecostais e constatou a recorrência de algumas afirmações referentes a ela:

1) trata-se de um *comportamento aprendido*; 2) de um *problema espiritual*; 3) é uma *antinatureza*. Tais conceitos sustentam um posicionamento mais geral dos evangélicos de que o *homossexualismo* não representa um atributo “natural” do sujeito. Subjacente à concepção de que estas práticas podem ser *abandonadas* pela *restauração e cura*, há a ideia de uma *natureza heterossexual* (NATIVIDADE, 2006, p. 118).

No material analisado por Natividade é possível perceber a existência de um discurso hegemônico que é propagado dentro das igrejas, onde as três concepções a respeito das causas da homossexualidade coexistem permeadas pela possibilidade de reversão à sua forma perfeita – a forma heterossexual. Tais concepções corroboram ideias que habitam o imaginário coletivo onde as sexualidades dissidentes da norma heterossexual estão localizadas junto às perversões sexuais. Natividade aponta que no material impresso analisado há inúmeras referências ao *estilo de vida gay*, onde o comportamento homossexual é “*desordenado, imoral e que conduz ao sofrimento*” (2006, p. 118), além de serem dados às perversões sexuais e a promiscuidade. São inúmeras as falas que relacionam a homossexualidade à pedofilia. Alguns militantes associam o suposto aumento no número de homossexuais ao crescimento nas taxas de pedofilia, bem como responsabilizam às pessoas homossexuais pela disseminação da Aids e outras DSTs (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 91). A homossexualidade estaria relacionada à uma transfiguração maligna de gênero, uma vez que as narrativas apresentam a questão da inversão do gênero.

As abordagens acerca da origem da homossexualidade em geral rejeitam a ideia da existência de uma pré-disposição ou mesmo tendência inata à homossexualidade, de forma que afirmam “o primado das influências ambientais, sociais e psicológicas na conformação das identidades homossexuais” (NATIVIDADE, 2006, p. 118). Dentre as concepções mais singulares, uma

⁸ Natividade (2006) ressalta que na maioria dos trabalhos bem como sermões, a homossexualidade masculina ocupa lugar de destaque, de forma que muitas vezes o lesbianismo sequer é mencionado.

compreende que fatores como abuso sexual na infância, dificuldades de relacionamento com os pais e o que o autor chama de “relacionamento deficiente com o genitor do mesmo sexo” propiciariam sua eclosão.

É importante mencionar que essas representações não se limitam ao espaço do templo, uma vez que elas foram incorporadas ao discurso de parlamentares evangélicos como Magno Malta e Marco Feliciano, abarcando inclusive parlamentares que se declaram católicos, como Jair Bolsonaro.

Advém dessas questões a preocupação com as influências na esfera privada de um discurso bem pontual que tem sido disseminado dentro e fora das igrejas acerca do indivíduo homossexual e da homossexualidade. Uma tensão é desencadeada pelo embate de moralidades que conflituam entre si e exercem forças distintas de pessoa para pessoa.

O trabalho de mobilização de preconceitos promovido pelos setores mencionados, apresenta impacto na opinião pública, sobretudo entre os evangélicos. Se na propaganda contra a homossexualidade e direitos dos homossexuais disseminado por meio de outdoors e em programas de TV seculares é lançado mão, na maior parte das vezes, um discurso que argumenta sobre a limitação de direitos e corrupção moral da sociedade, o argumento utilizado entre seus pares se agudiza, chegando a versar sobre a destruição da humanidade⁹ provocado pelo comportamento homossexual. As consequências desses discursos na esfera privada notadamente desencadeiam conflitos dentro das famílias. A moralidade religiosa nesses casos se opondo-se à moralidade afetiva suscita disputas.

O reconhecimento afetivo no seio familiar evangélico

No contexto familiar evangélico, a homossexualidade figura enquanto elemento problematizador das relações familiares, uma vez que este meio religioso dispõe de uma visão bem específica tanto da homossexualidade quanto

⁹ Natividade e Oliveira (2013) revelam que uma retórica construída em torno da ideia da destruição de Sodoma era utilizada na ocasião dos debates sobre a PLC 122, de forma que o mesmo castigo poderia sobrevir ao Brasil caso os cristãos não se mobilizassem para conter a ampliação de direitos à população LGBT.

do sujeito homossexual¹⁰, podendo influir na aceitação desse sujeito dentro da família.

Uma das perspectivas teóricas que mais confere importância à aceitação social dos indivíduos nas esferas das relações afetivas e familiares é a teoria do reconhecimento social de Axel Honneth (2009). O autor identifica três formas de reconhecimento social e as associa a diferentes esferas sociais: o amor, o direito, e a solidariedade. Ao longo da trajetória de vida nestas diferentes esferas, os indivíduos, por meio do processo de socialização, desenvolvem expectativas de serem endereço destas formas específicas de reconhecimento social, de modo que a experiência do desrespeito a alguma dessas formas configura-se como matriz moral e motivacional para a luta por reconhecimento. Cada esfera de reconhecimento associa-se a uma relação prática do indivíduo, de forma que quando um reconhecimento não é obtido, sucede uma luta para obtê-lo, podendo assumir formatos e configurações variadas. No caso do problema do reconhecimento afetivo de filhos homossexuais por parte de pais evangélicos, a luta pode, por exemplo, se desdobrar em diferentes componentes e esferas; pode ganhar uma dimensão política e pública importante, mas como luta pela forma especificamente familiar (e neste sentido, privada e particular) de reconhecimento social, sua arena principal, aquela que pode produzir efeitos imediatos e diretos sobre o problema, é o próprio círculo familiar com suas expectativas normativas e cognitivas específicas.

Honneth fornece uma abordagem precisa e empiricamente pertinente sobre o amor enquanto forma de reconhecimento específico, caracterizando-o como “todas as relações primárias, na medida em que elas consistam em ligações emotivas fortes entre poucas pessoas” (2009, p.159). O reconhecimento afetivo ocorre quando o indivíduo, reconhecendo a autonomia do outro, tem confiança de que mesmo depois de sua autonomização sua afeição será preservada. Ao alcance dessa forma de reconhecimento associa-se a autoconfiança do indivíduo. O reconhecimento na experiência do direito relaciona-se ao autorrespeito, enquanto o reconhecimento na experiência da solidariedade vincula-se a autoestima.

¹⁰ Vale ressaltar que as representações apresentadas aqui correspondem a todo universo de evangélicos, no entanto ela é a mais pontual dentro das igrejas, de forma que outras visões podem ser consideradas exceções dentre as Instituições evangélicas. Sobre isso ver Machado e Piccollo, 2010.

Nessa esteira, a homossexualidade figura enquanto obstáculo ao alcance do reconhecimento afetivo. Segundo o autor, o desrespeito a essa forma de reconhecimento, surge na forma de maus-tratos, que comprometem a saúde física e psíquica.

As entrevistas realizadas com gays e lésbicas filhos e filhas de pessoas evangélicas revelam algumas questões que serão pontuadas e apresentadas a seguir.

Betina¹¹ tinha 18 anos na ocasião em que contou para a mãe que era lésbica. Relatou que após algumas semanas, seus pais, que são pastores da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), chegaram em casa com a notícia de que seriam transferidos para outra cidade. Quando Betina informou que queria ficar em Campos para terminar o curso universitário, houve uma pequena discussão, onde o pai queria forçá-la a ir. Diante de sua recusa, o pai disse que se ela decidisse por ficar, teria que se sustentar sozinha. Desde então, não recebe nenhuma assistência financeira dos pais. Betina conta que a mãe passou nove meses sem falar com ela, e após isso o relacionamento foi retomado. Outra narrativa relevante é a de Fábio, de 25 anos, filho de pais Batistas. Na ocasião em que contara a família acerca da sua sexualidade, seus pais choraram muito e ambos disseram que nunca aceitariam o fato dele ser gay. Na manhã seguinte Fábio fora surpreendido com o pedido da mãe para que ele fosse embora do Brasil, da cidade ou que ele fosse a Boston fazer um tratamento que seria pago pela tia. Já Daniel, atualmente com 19 anos, foi agredido na ocasião em que revelou a mãe sua sexualidade e desde então não a encontrou novamente¹².

O ato de ignorar, simular o desconhecimento da sexualidade de seus filhos (ERIBON, 2008), aparentemente funciona como ferramenta para facilitar a convivência, contudo esse comportamento que evita o conflito não traduz-se enquanto aceitação para os filhos. Ao contrário, os pais frequentemente buscam por uma oportunidade para informar seus filhos de que não estão de acordo com sua sexualidade, oferecendo a cura como opção. A exemplo disso, Betina, durante visitas que realiza aos pais já ouviu seu pai dizer que deveriam matar todos os gays, lésbicas e ladrões. Carol, de 21 anos, filha de pais pentecostais,

¹¹ Nomes fictícios estão sendo utilizados a fim de preservar a identidade dos entrevistados.

¹² Daniel mora com a avó desde criança, contudo recebia visitas frequentemente de sua mãe e tinha um relacionamento amistoso até a ocasião.

também ouve com certa frequência a mãe dizer que homossexualidade é abominação, enquanto o pai diz que gay não presta.

Aparentemente, uma experiência que alguns passam dentro da família é o que Eribon (2008) intitula como injúria. Eribon coloca que “a injúria me faz saber que sou alguém que não é como os outros, que não está na norma. Alguém que é viado [*queer*]: estranho, bizarro, doente. Anormal” (ERIBON, 2008, p. 28). As falas citadas acima ilustram as agressões aos quais gays e lésbicas estão sujeitos todo o tempo. Mesmo quando elas não aparecem endereçadas diretamente, elas ocupam-se de localizar o homossexual num lugar inferior ao lugar ocupado pelo heterossexual.

Dentre os nove entrevistados, oito relataram não ter abertura para conversar sobre sua vida amorosa com os pais. Aparentemente um mecanismo desenvolvido para continuarem a conviver com seus filhos é a negação de sua sexualidade, como colocado anteriormente. Em geral, os pais não fazem mais perguntas sobre namorados ou namoradas desde que tomaram conhecimento de sua sexualidade. Alguns ainda convivem com a situação da mãe frequentemente tentar marcar encontros heterossexuais com conhecidos da igreja. Esse tipo de comportamento adicionado a um discurso que avilta a identidade homossexual, intimida alguns filhos a não expressar mais abertamente sua vida afetivo-sexual, dado que muitos deles ainda são financeiramente dependentes de seus pais e relatam se sentir pressionados a viver essa área de sua vida de maneira mais discreta, sob pena de não receber mais ajuda financeira.

Se a vida afetiva e sexual de seus filhos é quase um tabu para esses pais, a ideia de cura está frequentemente presente no discurso, muito embora ela seja apresentada de forma direta com menor regularidade. Ela aparece frequentemente por meio da ideia de “se endireitar” e também de “manter-se firme”, não obstante, Fábio conta que frequentemente a mãe diz que ele precisa ser curado o interpelando a procurar um tratamento. A mãe de Henrique também insiste que o filho frequente templos evangélicos, a fim de “lutar” contra a homossexualidade.

Uma de nossas hipóteses iniciais era de que quanto maior a escolarização dos pais, menor o conflito com os filhos devido a uma possível melhor compreensão a respeito do que é a homossexualidade, hipótese esta que não se confirmou. Dentre os protagonistas das agressões físicas encontram-se pessoas com nível médio, bem como com nível superior. Aparentemente quanto maior o grau de aderência à igreja mais dificuldade em lidar com a homossexualidade. Das reações mais destrutivas apresentadas, duas vieram de pessoas que ocupavam cargos altos na hierarquia da igreja, sendo uma pastora¹³ que agrediu o filho no momento em que soube de sua homossexualidade, e outro pastor que recusou-se continuar a ajudar financeiramente a filha. Excetuando-se uma mãe Batista que também agrediu o filho fisicamente em duas ocasiões e o insultou com injúrias homofóbicas. A outra agressão física relatada veio de uma mãe que é frequentadora de religião afro-brasileira. É importante evidenciar que das três agressões físicas, nenhuma foi direcionada a mulher, de forma que dentre os seis homens entrevistados, três sofreram agressões físicas, se não no momento do *coming out*, em algum momento posterior devido a homossexualidade.

A questão denominacional não se mostrou significativa. Apesar de igrejas pentecostais apresentarem discurso que compreende a homossexualidade como podendo derivar de possessão demoníaca, os pais pentecostais não apresentam comportamentos mais radicais que os frequentadores de igrejas históricas como batistas e presbiterianas.

Durante as entrevistas, muitos relataram ouvir com frequência falas como “isso é uma abominação”, “homossexualismo é uma abominação”, “homossexualismo é coisa de gente safada”, “se persistir tem cura”, mostrando certo grau de adesão do discurso corrente no meio evangélico a respeito da homossexualidade.

Se a performance dos atores deve ser pensada considerando os papéis sociais assumidos, mas também levando em conta as expectativas do interlocutor, pensando no papel desempenhado pelos pais, as expectativas

¹³ É importante ressaltar que na ocasião a mesma não era pastora, apesar de ocupar cargos de liderança dentro da igreja.

atribuídas a esse papel social frustra-se diante de repetidas ações desempenhadas pelos pais. As leituras que os filhos fazem do comportamento de seus pais são das mais variadas. Enquanto alguns apresentam grande sofrimento diante da relação ainda deteriorada com a família e creem que a religião apresenta papel fundamental na não-aceitação, outros acreditam que a religião desempenha função tanto na não-aceitação – relacionada às passagens bíblicas que condenam a homossexualidade -, quanto na aceitação – por meio da ideia da incondicionalidade do amor de Cristo – e confiam que dentro de algum tempo um bom relacionamento será estabelecido.

Dentro da família, os entrevistados utilizam-se de algumas estratégias a fim de alcançar o reconhecimento afetivo. A resistência aos ditames familiares pode ser compreendida enquanto estratégia que visa a afirmação de sua identidade. Nos casos onde os filhos saem do armário discursivamente para os pais, esses deparam-se com uma sabatina acerca de sua certeza sobre a homossexualidade. Por vezes esse questionamento é recorrente. Dentre os sete entrevistados que realizaram o *coming out* verbal, cinco fazem a defesa de sua sexualidade, enquanto dois decidiram não discutir mais essa questão passado o momento do *coming out*.

Outra estratégia é o afastamento dos estereótipos imputados aos gays. João relata acreditar que a família reagiu bem diante da notícia de que era gay pois “nunca fez circo” da sua sexualidade, apontando para sempre ter mantido uma “postura muito correta e séria” a respeito de sua sexualidade. Henrique refere-se a si mesmo como “discreto”, distinguindo-se de gays afeminados, enquanto Fábio afirmou para a mãe que era “ativo”, para que ela ficasse menos contrariada.

A revelação de sua sexualidade tem se desdobrado na maioria dos casos na quebra de uma fantasia atribuída à família, mais especificamente a figura do pai e da mãe enquanto portadores do amor incondicional. Não coincidentemente, muitos entrevistados relataram contar com esse amor incondicional no momento da revelação de sua sexualidade. Mesmo sabedores de que seria um momento de conflito familiar, acreditavam que passariam por eles sem grandes danos. A segurança na permanência da afeição do outro é quebrada quando na ocasião do *coming out*, os filhos se deparam com reações que incluem agressões físicas,

ameaças e afastamento. O reconhecimento afetivo denegado acaba por direcionar as expectativas afetivas a outros fora do círculo familiar a fim de suprir suas necessidades afetivas, muito embora, aparentemente a expectativa por alcançar o reconhecimento afetivo dentro da família consanguínea nunca cesse.

O sentimento de desencaixe da família natural promove a busca por novas formas de arranjos. Não necessariamente a pessoa romperá com a família e constituirá outra em novos moldes, mas quanto ao cumprimento da função de relacionamento afetivo descrita pelos próprios entrevistados (“onde você é acolhido”, “onde você é compreendido”), essa busca será direcionada a esse grupo formado por amigos. As expectativas vinculadas ao ideal de *relacionamento puro* são deslocadas do grupo familiar consanguíneo para a “família de substituição”, promovendo, deste modo, ao invés da negação, uma reafirmação transformadora da ideia normativa de amor incondicional. Portanto, nos momentos em que o indivíduo necessita desse apoio afetivo sua demanda será direcionada a este segundo grupo.

É fundamental mencionarmos aqui a existência de famílias que acolheram seus filhos diante da revelação da homossexualidade. Inclusive, dentre os dois entrevistados que declararam se sentir aceitos, nenhum deles ouviu em algum momento sugestão de cura ou mesmo críticas. Essas famílias, encerram em si o ideal de *relacionamento puro*, uma vez que seguiram com relacionamento esforçando-se por manter intacto o tratamento dado a seus filhos, por mais que a homossexualidade não se constitua enquanto elemento positivo para eles, em função de sua socialização com uma moral religiosa que quase sempre condena a homossexualidade.

Considerações Finais

As expectativas morais trazidas pelos entrevistados relacionam-se diretamente ao ideal de *relacionamento puro* de Giddens, o qual orienta a busca por atributos que se acredita próprios à instituição família, gerando certa frustração quando se constata a inexistência ou falta de efetividade destes atributos. Frequentemente as ações performadas por seus progenitores são compreendidas como reflexo de seu desamor ou limitação do amor. O código

simbólico (amor/não amor) do ideal de “relacionamento puro” filtra e orienta o modo como os filhos e filhas interpretam as reações de seus progenitores à situação do *coming out*.

É interessante perceber que algumas famílias, passado o momento inicial do conflito, desenvolvem formas diferentes de lidar com a sexualidade de seus filhos e filhas. Se há uns poucos que lidam naturalmente com a homossexualidade de seus filhos, há os que decidem nunca mais abordarem tal assunto, se comportando como se o filho ou a filha não tivesse vida erótico-afetiva. Há também os que estreitam os laços num comportamento de vigilância. Enfim, cada qual desenvolve uma estratégia para conviver com o indesejado. Vale dizer que dentre os entrevistados, uma mãe começou a estudar outras interpretações bíblicas a respeito da homossexualidade, fugindo do comportamento desempenhado pela maioria dos pais, de manter-se esperançosos da conversão de seus filhos e cura/libertação da homossexualidade.

No contexto familiar, a religião funciona como barreira ideológica no trajeto à aceitação. Talvez se coloque no caminho a dicotomia paz com deus x paz com meu filho/filha. De forma que não se pode ter os dois, no momento em que um contraria um preceito do outro. Durkheim afirma que “a moral começa, pois, onde começa a ligação com um grupo, qualquer que ele seja” (1970, p. 45). Desta forma, podemos entender certas reações familiares como reflexo de um elo forte com o grupo religioso, de maneira que, em alguns casos este elo se sobrepõe ao elo familiar. Outra leitura possível é o perverter dessa lógica, em benefício de um grupo como qual se está mais ajustado e incorporado.

Na esfera familiar, a expectativa de reconhecimento afetivo é absoluta. O desejo dos indivíduos é serem amados por completo. O repúdio a uma característica individual tão marcante quanto a sexualidade é compreendida como não-aceitação do indivíduo inteiro, revelando a condicionalidade do amor parental. O amor incondicional, próprio das relações entre pais e filhos, em situações de conflito, ganha a oportunidade de provar sua existência por meio de atitudes. A expectativa do amor incondicional, mesmo que frustrada, fazem parte da realidade social.

Muito embora a busca por reconhecimento afetivo dentro da família não cesse mesmo quando este reconhecimento é denegado, acabando por impelir, em alguns casos, a busca por estratégias a fim de alcançá-lo, durante esse espaço liminar, é iniciada uma busca de construção de outras famílias ainda que sem laço consanguíneo. A expectativa não é retirada do elo consanguíneo. No entanto, diante da impossibilidade, os indivíduos se mobilizam numa busca por construir para si um núcleo que supra com as expectativas afetivas.

Referências bibliográficas

DURKHEIM, Emile. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro e São Paulo: Forense, 1970.

ENDJØ, Dag Øistein. **Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. **O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2009 (2ª Edição).

LEANDRO, Maria Engrácia. Transformações da família na história do Ocidente. **THEOLOGICA**, 2.^a Série, 41, 51-74, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/12875>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLLO, Fernanda Delvalhas (orgs.) **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo; Oliveira, Leandro. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. 1.ed – Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e *cura* em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 61, p. 115-132, junho/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200006>. Acesso em: 11 jan. 2016.

SARTI, Cynthia. A Família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/42289/45962>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. Família e jovens: No horizonte das ações. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago, n. 11, p. 99-109, 1999. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE11/RBDE11_10_ESP_ACO_ABERTO_-_CYNTHIA_A_SARTI.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2016.

SEVERO, Julio. **As ilusões do movimento gay**. Independente. 2003.
_____. **O movimento homossexual**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1998.

Sheldon, Louis P. **A estratégia**: o plano dos homossexuais para transformar a sociedade. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2012.

TREVISAN, Janine Bendorovicz. **A atuação política pentecostal em confronto com o movimento LGBT no Brasil redemocratizado**. 2015. 250 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS, Porto Alegre. 2015.